

TRABALHO E CONSUMO: ESTRATÉGIAS MODERNAS DE EXPLORAÇÃO DO CORPO

1

Leonardo Alves de Moraes

2

Cícero Josinaldo

RESUMO

O objetivo do presente texto é considerar as diferentes concepções e formas exploração do corpo ao longo da história pré-moderna, mas sobretudo moderna e pós-moderna. Na primeira parte, como momento preparatório para a compreensão da originalidade da exploração moderna do corpo, destaca-se a concepção e o valor do grego em relação ao corpo, e também a desvalorização do mesmo na Idade Média. Já a segunda parte se refere a um estudo crítico a respeito da noção de poder disciplinar e sua aplicação ao trabalho capitalista segundo Michel Foucault. Na sequência, procura-se examinar a relevância do conceito de sedução enquanto estratégia para a exploração do corpo no âmbito do consumo, na forma como é abordada por Gilles Lipovetsky. Trata-se portanto de uma articulação entre os conceitos de poder disciplinar e lógica da sedução, com o intuito de oferecer uma visão um pouco mais ampla sobre a exploração do corpo ao longo da modernidade.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Modernidade. Trabalho. Consumo.

ABSTRACT

WORK AND CONSUMPTION: OPERATING STRATEGIES MODERN BODY

The objective of this paper is to consider the different conceptions and forms body exploration along the pre-modern history, but especially modern and post-modern. In the first part, as a preparatory time for understanding the originality of modern exploration of the body, there is the concept and value of Greek in relation to the body, and also the devaluation of the same in the Middle Ages. The second part refers to a critic about the notion of disciplinary power and its application to study capitalist labor according to Michel Foucault. Further, it seeks to examine the relevance of the concept of seduction as a strategy for the exploration of the body within the consumption, the way it is approached by Gilles Lipovetsky. This is therefore a link between the concepts of disciplinary power and logic of seduction, with the aim of providing a somewhat broader view of the exploration of the body throughout modernity.

KEYWORDS: Body. Modernity. Work. Consumption.

¹ Acadêmicos do Curso de Educação Física da Faculdade União de Goyazes.

²

Orientador: Prof. Me. Cícero Josinaldo, Faculdade União de Goyazes.

INTRODUÇÃO

Na modernidade, como sabemos desde Michel Foucault, volta-se em primeiro lugar ao adestramento disciplinar do corpo, e em um segundo momento à sua supervalorização com uma acentuada fetichização da mídia. A primeira fase da modernidade capitalista é profundamente marcada por um controle do corpo que parte da esfera do trabalho e se estende até o plano da intimidade e da higiene pessoal.

Sob a perspectiva da relação entre corpo e trabalho, ou seja, da exploração moderna do corpo, Foucault, na *Microfísica do Poder*, apresenta a ideia, realmente decisiva para a compreensão da modernidade, de que o domínio e a consciência do corpo são apenas uma demonstração do poder sobre o mesmo. Assim entende-se que

o domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticoloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio (FOUCAULT, 2008, p. 146).

Desse modo, a partir de Foucault buscamos encontrar subsídios para pensar com que intensidade o corpo foi e tem sido explorado no trabalho desde o advento do capitalismo. Assim, a noção de poder disciplinar, presente na obra de Foucault, nos permite explorar suas implicações para o corpo no âmbito da produção capitalista, isso considerando o fato anteriormente mencionado por Foucault, de que o poder disciplinar, nas condições de trabalho, é uma invenção burguesa.

É também neste ponto, da perspectiva capitalista, que vemos a influência e a investida que a mídia tem sobre o corpo, incentivando e propagando o consumo: “[o] cortejo de solitudes e cuidados dos quais o corpo se encontra rodeado, promovido assim um verdadeiro objeto de culto.” (LIPOVESTSKY, 2009, p. 42).

Por seu lado, esse espírito consumista de grande poder sedutor resulta de um imaginário social do corpo. As pessoas lutam constantemente para combater os sinais de degradação do tempo de vida. Trata-se nesse caso de

uma reciclagem constante, ou seja, cirurgias, dietas e práticas esportivas com o intuito de se igualar a imagem dos corpos perfeitos pregados pela mídia (LIPOVETSKY, 2009).

A perspectiva de Lipovetsky que aqui nos propomos a explorar é a de que, ao lado do poder disciplinar, existem nas sociedades modernas, desde a segunda metade do século XX, múltiplas estratégias de sedução. Estas estratégias têm por objetivo atrair as atenções para o consumo desenfreado de imagens e aparências induzidas por uma sociedade consumista que, apesar de enfatizar a relação entre consumo e liberdade, no fundo se encontra subordinada às estratégias de sedução típicas de um investimento narcisístico. Esse narcisismo que para Lipovetsky “[...] procede de um hiperinvestimento de regras e funciona como um tipo inédito de controle social sobre a alma e o corpo.” (LIPOVESTSKY, 2009, p. 45)

Pelo que ficou dito, tanto o poder disciplinar de que fala Foucault, quanto a sedução analisada por Lipovetsky parecem nos autorizar a pensar criticamente essa era marcada por certa visão do corpo. Neste sentido, o artigo se ocupa com as significações econômicas subjacentes às relações novas e decisivas entre modernidade e corpo, quer no âmbito da exploração no trabalho, quer no âmbito da exploração pelo consumo.

MATERIAIS E MÉTODOS

Metodologicamente o presente artigo se define como um estudo descritivo-exploratório realizado a partir de uma revisão bibliográfica pertinente ao tema abordado. De acordo com Lakatos e Marconi (2004), a pesquisa bibliográfica exploratória tem em vista tanto a discussão quanto o aprimoramento de ideias. Esse objetivo supõe um planejamento flexível que viabilize a consideração dos aspectos mais variados concernentes ao tema em estudo.

Em sua dimensão descritiva e exploratória esta pesquisa de revisão bibliográfica almeja a aproximação reflexiva e conceitual dos fenômenos históricos e econômicos implicados na dupla relação que a modernidade inaugura com o corpo. Este exame teórico acerca das técnicas modernas de exploração do corpo é particularmente orientado pela noção de “poder

disciplinar” concernente à esfera do trabalho, no modo como é explorada pelo filósofo francês Michel Foucault, mas também pelo conceito de “sedução” como expediente de promoção do consumo, analisado pelo filósofo francês Gilles Lipovetsky.

Essa abordagem teórica adota como trajetória e procedimento básico uma breve descrição, devidamente referenciada, das mais significativas concepções pré-modernas acerca do corpo (Antiga e Medieval), para daí partir à caracterização mais detalhada das relações modernas com o corpo no que têm de específicas em confronto com as precedentes.

Naturalmente essa proposta de pesquisa adota como hipótese de trabalho a influência do sistema econômico capitalista como força condicionante para o paradigma moderno da corporeidade. Há que se ressaltar ainda o fato de que a própria pertinência das noções de “poder disciplinar” e “sedução” (os conceitos de base para o exame teórico da modernidade) é admitida como hipótese complementar.

Em virtude desse foco teórico-metodológico o material bibliográfico é constituído principalmente de algumas das obras dos filósofos supracitados, assim como de algumas fontes reconhecidamente consagradas no estudo teórico e principalmente histórico do corpo em suas diferentes fases.

CONCEPÇÕES PRÉ-MODERNAS DO CORPO

Na Grécia antiga o corpo era supervalorizado e cultivado, mas tudo era dedicado à formação completa (*paideia*) que incluía o desenvolvimento pleno do corpo e também o aperfeiçoamento das faculdades do espírito. Essa ambiciosa formação com que, segundo a tese de Wener Jaeger (2001), os gregos deflagram o decisivo projeto ocidental de uma formação consciente e integral do humano, era duplamente positiva ao contexto grego, já que o valor era dado ao homem enquanto portador de virtudes guerreiras, mas também ao indivíduo letrado e dotado de habilidades oratórias especialmente caras ao período político democrático do mundo grego¹.

¹ Contudo à Sócrates pareceu que os valores conferidos ao corpo na Atenas de seu tempo eram extremos. Daí que tenha questionado o que, sob sua perspectiva, assumia a forma de uma supervalorização do

O grego era um cidadão de formação plena, cujo corpo e intelecto eram amplamente trabalhados e cultivados, ou seja, a figura do corpo tinha uma extrema influência e importância na sociedade, a performance física era desejada e cultivada pelo homem que combatia nas guerras e competia nos jogos. Ter um físico bom era igualmente símbolo de saúde e bem-estar (JAEGER, 2001). Além das guerras, os acontecimentos mais importantes da Grécia eram os Jogos Olímpicos, por isso tanta dedicação e preparação para esse evento que acontecia somente a cada quatro anos (MARINHO, 1971).

Esses mesmos cidadãos desenvolviam uma capacidade intelectual com o intuito de estarem preparados para vencer qualquer discussão em um ambiente político marcado por práticas democráticas. Em todo caso, os valores fundamentais eram, principalmente, aqueles ligados ao corpo: a vida, a saúde, o vigor físico, a beleza, ou bens exteriores, ou ligados à exterioridade do homem, como a riqueza, o poder, a fama e semelhantes. (REALE, 2002, p. 267).

O pensamento grego era esse em relação ao corpo, o que posteriormente seria questionado por Sócrates, já que para ele ao contrário a alma é que deveria sobrepor-se ao corpo com moral e ética (REALE, 2002).

Diferentemente dessa marcante compreensão clássica, a Idade Média se caracteriza por uma derrocada do corpo na vida social como um todo. Neste quadro histórico, o corpo é desprezado, controlado e totalmente moldado segundo a espiritualidade cristã. Um dos mais claros sinais da decisiva e abrangente vitória do cristianismo sobre a tradição clássica se mostra na completa inversão da concepção de corpo. É justamente numa condenação e em um combate sistemáticos aos prazeres que se processa uma negação do corpo sem precedentes históricos (LE GOFF; TRUONG, 2010).

Na Idade Média emerge um total desprezo ao corpo e seus prazeres e por todo o período medievo o corpo era visto como algo pecaminoso e cheio de desejos contrários aos pregados pela Igreja, que de certa maneira radicalizava a visão de Sócrates acerca da prioridade da alma. Nesse período “[...] surge um homem que só era encorajado à conquista da vida celestial [que]

corpo. De qualquer forma devemos sublinhar que não há na filosofia socrática um desprezo total ao corpo ou dos valores em torno do qual ele se estrutura, não obstante Sócrates afirmasse que a alma tem prioridade sobre o corpo devendo por isso dominar sobre ele. Tal perspectiva decididamente revolucionária para a época atingiu seu ápice na filosofia de Platão. (REALE, 1992)

estabelecia um absoluto divórcio entre o físico e o intelectual.” (OLIVEIRA, 2006, p.32-33).

Os prazeres do corpo são vistos como o lugar crucial do pecado, a Igreja estabelece um sistema rigoroso de controle do corpo, principalmente o feminino. Controlar a sexualidade feminina, seus gestos, suas práticas, sua conduta na sociedade passaria a ser uma questão mediada pela Igreja e aceita pela sociedade. Deve-se ressaltar, contudo, que o corpo feminino tinha suas qualidades, e isso no que era determinante para as funções que a teologia cristã de maneira alguma poderia recusar, isto é, a procriação e o cuidado com a família (DRESSLER; CORREA; JAEGER, 2008).

Todo o extenso período histórico compreendido como Idade Média é marcado por uma grande influência da Igreja, que fazia valer o teocentrismo, ou seja, a concepção cosmológica segundo a qual Deus é o centro de todas as coisas. Ela determinava a forma de vida da população em suas mais distintas manifestações, como, por exemplo, o vestuário, o comportamento social, os relacionamentos interpessoais, a família e principalmente a vida sexual das pessoas (DRESSLER; CORREA; JAEGER, 2008).

De qualquer maneira é clara a repressão do corpo com normas e regras em relação à conduta sexual e espiritual da população medieval. A preocupação era total quanto ao ato do sexo, tanto que os teólogos transformam o pecado original em pecado sexual. Tal mudança introduz uma novidade no próprio cristianismo (LE GOFF; TRUONG, 2010). Era desconhecida para o próprio cristianismo a noção que essa teologia “reformada passa a veicular”, pois não há uma preocupação tão vigorosa com esse pecado no antigo testamento. O pecado original, que expulsa Adão e Eva do Paraíso, é um pecado de curiosidade e de orgulho (DRESSLER; CORREA; JAEGER, 2008).

No que se refere à esfera da sexualidade, a Igreja desconfiava ainda da própria limpeza ou higiene enquanto traduções de certa preocupação com o corpo, alegando que a descoberta corporal implícita em tais práticas poderia estimular toques suspeitos ou despertar o desejo de conhecer o corpo do outro (GÉRARD, 2009).

A preocupação com a conduta relativa ao corpo se estendia igualmente à prática de atividades físicas. Esportes e jogos eram contra os ensinamentos

da Igreja. Pois o corpo era visto somente como pecador, sendo recomendado um cuidado com a alma como único caminho para salvação. A seguir as orientações espirituais, os exercícios físicos eram destinados exclusivamente à preparação militar (DRESSLER; CORREA; JAEGER, 2008).

EXPEDIENTES MODERNOS DE EXPLORAÇÃO DO CORPO

O controle do corpo em função do trabalho

A certa altura da era Moderna o corpo passa a ser especialmente vigiado, disciplinado e cuidado. “[...] já que o corpo humano se tornou essencialmente força produtiva, a partir do século XVII e XVIII [...]” (FOUCAULT, 1979, p. 184). Esse investimento, que para Foucault delimita um novo tipo de poder é uma das maiores invenções da sociedade burguesa (o poder disciplinar), que não se define tanto como uma preocupação com o saudável, ou com o bem-estar físico e mental, quanto pela priorização do trabalho, da produção e pelo interesse burguês de reprodução da riqueza.

O domínio e a consciência sobre o corpo foram adquiridos pelo efeito do investimento do poder sobre o mesmo. A ginástica, os exercícios físicos e o desenvolvimento muscular advêm do efeito do poder exercido, com a visão de melhorar o corpo para as condições de trabalho (FOUCAULT, 2008).

A modernidade é o tempo em que, em vista de determinações econômicas, o corpo passa a ser vigiado, disciplinado e cuidado. Volta-se a ter uma atenção especial com ele, mas não como na visão dos gregos, que eram dedicados aos Jogos Olímpicos, às guerras ou a vaidade de cultivar a boa aparência física. O corpo humano se torna essencialmente força produtiva, a partir do século XVII e XVIII. Esse investimento não vem como preocupação com o saudável, ou o bem-estar físico e mental, em contraste com as concepções do corpo prevalentes no mundo antigo e na Idade Média, este novo tipo de poder é, como assegura Foucault (2008), uma das grandes invenções da sociedade burguesa.

Para Foucault (2008), o poder disciplinar é uma técnica de exercício de poder, uma nova maneira de gerir os homens, uma grande e fundamental invenção do século XVIII. Uma invenção que, segundo o filósofo francês, só foi possível construir a partir do exemplo militar com sua disciplina de conduta dos

soldados. O controle do corpo se dá através da disciplina que exerce seu controle, não sobre o resultado de uma ação, mas sobre seu próprio desenvolvimento constitutivo.

No século XVII, nas oficinas de tipo corporativo, o que se exigia do companheiro ou do mestre era que fabricasse um produto com determinadas qualidades. A maneira de fabricá-lo dependia da transmissão de geração em geração. Mas a certa altura da modernidade

cabia a disciplina um registro contínuo, anotações do indivíduo e transferência da informação de baixo para cima, de modo que, no cume da pirâmide disciplinar, nenhum detalhe, acontecimento ou elemento disciplinar escape a esse saber. A disciplina é o conjunto de técnicas pelas quais os sistemas de poder vão ter por alvos e resultado os indivíduos sob seu controle e dentro de padrões estabelecidos (FOUCAULT, 2008, p.106).

Esse controle não era somente com o próprio gesto, era em todo o processo do ato produtivo. Do mesmo modo, se ensinava o soldado a lutar, a ser mais forte do que o adversário na luta individual da batalha. A partir do século XVIII, à luz do modelo do controle militar, se desenvolve uma arte do corpo humano. Começa-se a observar de que maneira os gestos são feitos, qual o mais eficaz, rápido e melhor ajustado. É assim que nas oficinas aparece o famoso e sinistro personagem do contra-mestre, destinado não só a observar se o trabalho foi feito, mas como é feito, como pode ser feito mais rapidamente e com gestos melhor adaptados. Neste sentido a própria arquitetura das indústrias e das escolas era pensada com uma visão total de todos. Quanto mais fosse visto, ou seja, vigiado, menos desperdício de tempo e maior aproveitamento de produção haveria (FOUCAULT, 2008).

Daí que no fim do século XVIII, nas grandes fábricas, haja uma decomposição individualizante da força de trabalho (divisão do trabalho). A distribuição dos corpos articula aos aparelhos de produção. São constantemente vigiados, graças à arquitetura da fábrica que se divide e fica sob a visão de seus superiores (FOUCAULT, 1997).

Para se ter esse controle começa a ser viabilizado um sistema de vigilância permanente. Para Foucault, a própria disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos. Mas esta mesma vigilância se ampara ainda em temidas técnicas de coerção. Não basta olhá-los às vezes ou ver se o que fizeram é conforme a regra. É preciso

vigiá-los durante todo o tempo da atividade e submetê-los a uma perpétua pirâmide de olhares que resguardam a ameaça de punição. É assim que no exército aparecem sistemas de graus que vão, sem interrupção, do general chefe até o ínfimo soldado, como também os sistemas de inspeção, revistas, paradas, desfiles, que permitem que cada indivíduo seja observado permanentemente (FOUCAULT, 2008).

O poder disciplinar dos séculos XVII e XVIII era o que regia toda a sociedade nos seus campos mais diversificados, mas especialmente no âmbito do trabalho. Houve durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo que se manipula, se modela se treina, que obedece, responde e se torna hábil ou cujas forças se multiplicam. Seriam esses conhecidos e intitulados como corpos dóceis, que são aqueles disciplinados através das penalidades corretivas, sendo que, o importante e proveitoso de se tê-los, é que estes podem ser submetidos, podem ser utilizados, transformados e aperfeiçoados (FOUCAULT, 1997). Assim,

o aparelho da penalidade corretiva age de maneira totalmente diversa. O ponto de aplicação da pena não é a representação, é o corpo, é o tempo, são os gestos e as atividades de todos os dias; a alma, também, mas na medida em que é sede de hábitos. O corpo e a alma, como princípios dos comportamentos, formam o elemento que agora é proposto à intervenção punitiva. Mais que sobre uma arte de representações, ela deve repousar sobre uma manipulação refletida do indivíduo (FOUCAULT, 1997, p.106).

Para bem caracterizar o sistema de controle presidido pelo olhar vigilante em vista da punição, Foucault, inspirado nos projetos arquitetônicos que Jeremy Bentham concebera para as prisões modernas, faz uso um termo conhecido como “panóptico”. Tal palavra é constituída pela justaposição de pan (totalidade) e óptico (visão), expressando assim de modo inequívoco o ambicioso projeto de controle pelo olhar permanente. O panóptico traduziu-se em um modelo arquitetônico usado em fábricas, escolas, hospitais e prisões. Sob a concepção moderna é preciso manter sob vigilância certo número de pessoas. O panóptico seria uma solução arquitetônica para a vigilância constante, especialmente cara ao âmbito da produção interessada no controle e otimização do tempo de trabalho (FOUCAULT, 1997).

O efeito mais importante do Panóptico era induzir um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do

poder, ou seja, que os indivíduos realmente soubessem que estavam sendo vigiados. O objetivo é

fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce (FOUCAULT, 1997, p.166).

O intuito era a vigilância permanente, o controle de forma mais distante. A sala de aula é um exemplo claro disso, as cadeiras em filas, o professor em um lugar à frente e mais alto no qual ele tem uma ótica de todos os presentes nela. Além do fato da elevação ser por si o marco inconfundível da hierarquia, do poder que inspira e exige disciplina, mas também temor.

Havia um controle minucioso das atividades em massa, uma organização, coordenação do espaço e da agilidade para mais eficácia das ações. Já sinalizamos para o fato de que no domínio do trabalho Isso se dava sobretudo em função do controle do tempo. Para o sistema moderno de produção é proibido perder tempo. Devia-se ter uma utilização exaustiva dele, não a ociosidade e sim uma crescente extração utilitária do tempo. Quanto mais se decompõe o tempo, quanto mais se multiplicam suas subdivisões, quanto melhor o desarticulamos desdobrando seu elemento se terá uma melhora do aproveitamento do mesmo (FOUCAULT, 1997).

O controle do corpo em função do consumo

Na segunda fase da relação moderna com o corpo, mais interessada na promoção do consumo, vemos a valorização estética dos homens fortes e musculosos, das mulheres “saradas” ou hipermagras nas passarelas da moda. Ou seja, um verdadeiro culto ao corpo que o torna alvo privilegiado de investidas em vista da promoção do consumo pela via da liberação dos prazeres, mas um com investimento desenfreado no ideal de beleza e longevidade.

Cuidados médicos, produtos farmacêuticos, cosméticos e academias de musculação se tornam dispositivos poderosos com que o capitalismo envolve e agencia o corpo, não apenas para uma produção nunca antes vista, como

também para uma relação nova de consumo e sedução. Não é outra a razão que leva Gilles Lipovetsky (2009) a sustentar que vivemos em uma era totalmente voltada ao narcisismo, na qual o indivíduo se concebe como centro de todas as coisas.

Essa nova era do consumo inaugurada na modernidade tardia se diferencia da disciplina situada no limiar na modernidade tal como é analisada por Foucault, mas não deixa de ser um controle social, é, de forma mais sutil; um novo modo de gerenciar o comportamento. A sociedade de consumo, como foi indicada por Pierre Bourdieu, dispõe de técnicas de sedução que induzem o indivíduo a se comportar e a se adequar ao proposto pela mídia (LIPOVETSKY, 2009).

A sedução, é neste sentido, como afirma Lipovetsky (2009), uma ferramenta de reorganização das relações de poder. Daí que entramos em alguma medida numa sociedade pós-disciplinar; em uma sociedade em que a normatividade se impõe não tanto ou, pelo menos, não apenas pela disciplina, mas pela escolha e pela espetacularidade. Ou seja, somos atraídos ao consumo pela sedução, convocados e levados aos estereótipos da mídia e da publicidade (LIPOVETSKY, 2009).

Para Lipovetsky (2009), a sedução é o novo modo de gerenciamento social, ou seja, ela tornou-se um processo generalizado que regula o consumo, as organizações, informações, a educação, os costumes. Ainda, de acordo com o autor, em toda parte da sociedade contemporânea podemos ver que é e será controlada daqui pra frente por uma nova estratégia para o consumo desenfreado. Essa ferramenta de grande capacidade para alcançar a população em um todo, chama-se sedução (LIPOVETSKY, 2009).

A sedução nas sociedades começa pelo mundo do consumo, sendo ele que revela claramente a amplitude da estratégia que define um dos marcos fundamentais da pós-modernidade. Lipovetsky argumenta que uma das mais importantes técnicas de sedução diz respeito à profusão do volume e dos tipos de coisas postas à disposição e a super-escolha que isso implica, em vista da qual o dirigismo da indução uniforme é substancialmente reduzido. Assim, o que a sedução oferece no fim das contas é a satisfação dos desejos pela profusão de coisas que o mundo do consumo pode pôr a nossa disposição. A sedução implica a possibilidade de “fórmulas independentes” e uma “liberdade

combinatória”, aberta as inclinações, aos interesses e desejos dos indivíduos. É deste modo que a sedução opera: atenta ao processo hedonista e ligado aos de personalização (LIPOVETSKY, 2009). Neste caso

o ponto de partida é o do mundo do consumo, sem dúvidas, assim, a profusão luxuriante dos seus produtos, imagens e serviços, com o hedonismo que induz, com o seu clima eufórico de tentação e proximidade, a sociedade de consumo revela até à evidência a amplitude da estratégia da sedução. Esta não se reduz, no entanto, ao espetáculo da acumulação; mais exatamente, identifica-se com a ultra-simplificação das opções que a abundância torna possíveis, com a latitude dos indivíduos mergulhados num universo transparente, aberto, oferecendo um número cada vez maior de escolhas e combinações por medida, permitindo uma circulação e uma seleção livres. Estamos apenas no começo, esta lógica alargar-se à medida que as tecnologias e o mercado puserem à disposição do público uma diversificação cada vez mais vasta de bens e de serviços (LIPOVETSKY, 2009, p.2).

Segundo Lipovetsky, as estratégias de sedução prefiguram as técnicas modernas do marketing. Ao impressionar a imaginação, despertar o desejo, apresentar a compra como um prazer e satisfação do consumista, os grandes magazines foram, com a publicidade, os principais instrumentos da elevação do consumo a arte de viver o emblema da felicidade moderna. Criar o imaginário de felicidade, realização pessoal e satisfação do ego, essa é a maneira que se encontra a sociedade pós-moderna, a saber, vivendo em uma era de interesses capitalistas que dominam praticamente tudo em nossa volta (LIPOVETSKY, 2007a).

A sociedade de consumo e a sedução assim constituída inauguram para Lipovetsky um novo tempo, uma nova fase de individualismo ocidental que ele chama de narcisismo (a paixão pela própria imagem), mas também o hedonismo (o prazer como o supremo bem da vida humana). Em sua concepção filosófica nasce a partir da década de 50 a fase inaugural das sociedades modernas. Esse processo de personalização, ou seja, um novo modo da sociedade se organizar, se orientar, novo modo de gerir os comportamentos procede de uma perspectiva comparativa e histórica, designa a linha diretriz, o sentido do que é novo, o tipo de organização e de controle social que nos arranca da ordem disciplinar, revolucionária e convencional que predominou até aos anos 50 (LIPOVETSKY, 2009).

Lipovetsky compreende que a lógica maleável da sedução surge e mantém coexistência subalterna com o modelo disciplinar até as décadas de

1950 e 1960. Ao final deste período, que coincide com o surgimento de uma sociedade de consumo, a lógica de sedução começaria a ganhar campo sobre o modelo disciplinar de socialização, que a partir daí de certa forma começa a ser superado. Para ele, a inversão da dominância é justamente o que se chama de pós-modernidade. Ou seja, mais uma vez vai ser definido um novo tipo de socialização que põe em perspectiva a modernidade e ao mesmo tempo é inseparável do processo de personalização enquanto modelo de socialização geral (LIPOVETSKY, 2009). A saber,

esse processo de personalização [que] promoveu e impregnou de forma maciça um valor fundamental, o da realização pessoal, do respeito pela singularidade subjetiva, da personalidade incomparável, seja quais forem, sob outros aspectos, as novas formas de controle e de homogeneização simultaneamente vigentes. Sem dúvida, o direito de o indivíduo ser absolutamente ele próprio, de fruir ao máximo a vida, é inseparável de uma sociedade que erigiu o indivíduo livre em valor principal e não passa de uma última manifestação da ideologia individualista; mas foi a transformação dos estilos de vida associada à revolução do consumo que permitiu este desenvolvimento dos direitos e desejos do indivíduo, esta mutação na ordem dos valores individualistas (LIPOVETSKY, 2009, p. XVII).

Em relação ao corpo, o narcisismo pós-moderno se conjuga com a oferta mercadológica da beleza e estética corporal. Assim, existe um controle social, por meio de uma exploração dirigida que instiga a crença de que cada indivíduo é responsável pelo próprio corpo, ou seja, deve cuidar investir e valorizá-lo de acordo com os padrões estabelecidos de imagens do corpo perfeito. Sendo que esse ideal de corpo perfeito somente será alcançado mediante inúmeros sacrifícios, como por exemplo, exercícios físicos, tratamentos, dietas e cirurgias estéticas. (OLIVEIRA, 2008).

O consumismo no culto ao corpo é uma realidade que vivemos na era moderna e a sedução a principal arma para esse consumo se concretizar. Isso por vivermos numa era em que os analistas sociais julgavam poder detectar um narcisismo dirigido, ou seja, existe uma função de personalização, uma normatização do corpo perfeito estabelecido pela mídia e sociedade sendo aceito pelos indivíduos sujeitos a tais estereótipos. A busca desenfreada por esse objetivo de perfeição, de belo, saudável e longo potencializa os dispositivos que foram agenciados pelo capitalismo, ou seja, exercícios físicos, cirurgias plásticas, dietas e a venda de produtos farmacêuticos passaram a serem consumidos de forma indiscriminados (LIPOVETSKY, 2009).

Lipovetsky (2007b) apresenta ainda a ideia de que o prazer imediato é como nunca exigido atualmente, e que o amanhã enquanto possibilidade do adiamento da satisfação pessoal, segundo a mentalidade vigente, deve ser ignorada. Daí que a expressão latina “*Carpe Diem*” (“colha o dia” ou “aproveita o momento”) traduza para o autor a regra de vida que se impregna em nossas sociedades contemporâneas. Neste caso “*Carpe diem quam minimum credula stero*” (colha o dia, confia o mínimo no amanhã), é a expressão emblemática para solicitar que se evite gastar o tempo de outrem com coisas inúteis ou como uma justificativa para o prazer imediato, sem medo do futuro. Assim, a modernidade se dá por,

um salto em frente da lógica individualista; o direito à liberdade, em teoria ilimitada, mas antes circunscrito à economia, à política, ao saber, conquista agora os costumes e o cotidiano. Viver livre e sem coação, escolher sem restrições o seu modo de existência: não há outro fato social e cultural mais significativo quanto ao nosso tempo; não há aspiração nem desejo mais legítimos aos olhos dos nossos contemporâneos (LIPOVETSKY, 2009, p. XVII).

A sociedade de consumidores em que vivemos pode estar contribuindo com o advento de patologias específicas de nosso tempo, como por exemplo, a bulimia e a anorexia. De fato, estas são reações patológicas mais comuns diante das exigências e dos desafios inerentes ao novo estilo de vida fundado em uma dupla exploração do corpo. Dessas duas, a anorexia está mais relacionada com a sociedade contemporânea. Isso considerando o fato de que há uma cultura impregnada que promove um estilo de vida em busca do corpo perfeito, sensações de prazer momentâneas e aptidão física. Portanto, não indiferente o fato de que vivemos em uma era em que a atenção está ampla e economicamente voltada para o corpo, sujeito a um dirigismo que aposta na sedução enquanto estratégia de promoção do consumo (BAUMAN, 2010).

CONCLUSÃO

O poder disciplinar é uma grande arma de manipular e adestrar o corpo com o intuito de extrair o máximo de proveito no âmbito do trabalho. Por ele a exploração econômica se efetiva de forma mais controlada. Já a sedução com

vistas à promoção do consumo é mais sutil e indutiva. Portanto não é algo que se impõe de forma tão flagrante quanto a disciplina. A sedução envolve antes de tudo técnicas de mobilização do desejo, cuja última expressão é dirigismo social expresso no consumo em massa. No que se refere ao corpo esse consumo é induzido a partir de uma certa veiculação estratégica da concepção de corpo perfeito, belo e saudável, tal como se configura no presente imaginário social.

Para Bauman (2010), não por acaso, o imaginário social de corpo perfeito, belo, magro e/ou musculoso demais coincide com o advento de patologias específicas do nosso tempo, quais sejam, a bulimia e a anorexia. Assim, analisar de forma sintética a concepção histórica e atual do corpo nos permite apontar para a necessidade de uma prática crítico-reflexiva na Educação Física. Deve-se destacar, contudo, que pensar sobre o corpo é uma atividade muito vasta, e que a cultura do corpo na modernidade precisa de reflexões mais profundas e constantes.

Enquanto se propõe a destacar os valores, os cuidados e a influência que as esferas do trabalho e da mídia desempenham sobre o corpo, este texto sublinha a urgência de uma mediação crítica para a moderna relação com o corpo. Isso por considerar os sinais que parecem indicar que vivemos numa época na qual o corpo, em virtude de exigências econômicas, se presta a uma exploração ambígua muitas vezes silenciosa, sedutora e imperceptível. Tal parece ser, por exemplo, os ideais, em princípio insuspeitos de um corpo perfeito e saudável. Estes ideais que a sociedade de consumo, concentrada na capacidade de absorção do organismo, paradoxalmente potencializa sobre o corpo.

Portanto, cabe aos profissionais que lidam com o corpo, especialmente aos profissionais de Educação Física, estarem atentos às concepções econômicas e indutivas subjacentes às apropriações modernas do corpo. Do contrário, aqueles que em princípio estão comprometidos com a promoção da saúde e o do bem-estar, equivocados quanto à sua ação e atuação no mercado, podem se tornar disseminadores de um estratégico e enganoso ideal de perfeição corpórea.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo parasitário** – e outros temas contemporâneos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

DRESSLER, Daniela; CORREA, Liriana; JAEGER, Angelita. **O corpo na Idade Média.** Buenos Aires, 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd121/o-corpo-na-idade-media.htm>>. Acesso em: 20 Set. 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. **Vigiar e punir.** 32 ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 1997.

GÉRARD, Vicent. **História da vida privada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

JAEGER, Werner. **Paidéia.** A formação do homem grego. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **A cultura mundo.** Resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **A era do Vazio.** Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Manole, 2009a.

_____. **Felicidade paradoxal.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.

_____. **O império do efêmero. A moda e seus destinos nas sociedades modernas.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2009b.

_____. **Os tempos hipermodernos.** São Paulo: Barcarola, 2007b.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média.** Florianópolis, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15110/0>>. Acesso em: 20 Set. 2013.

MARINHO, Inezil Penna. **Educação Física-Recreação e Jogos.** 2 ED.rev. e ampli. São Paulo: Cia Brasil Editora, 1971.

OLIVEIRA, Nara Rejane Cruz de. **Cultura do corpo na pós-modernidade: reflexões para a educação física.** Revista Digital – Buenos Aires - anô 13 – Nº 119 – Abril de 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd119/cultura-do-corpo-na-pos-odernidade.htm>>. Acesso em: 07 de junho de 2012.

OLIVERIA, Vitor Marinho de. **O que é Educação Física.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga.** Volume II. São Paulo: Edições Loyola, 2002.